

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

Algumas publicações no país já abordaram a Tradução Audiovisual (TAV) e suas modalidades (legendagem, dublagem, *voice-over* e audiodescrição), assim como também a interface com a tradução e interpretação em Língua de Sinais (TILS). No entanto, esta é a primeira publicação no país que discute a TAV voltada para acessibilidade de pessoas com deficiência sensorial, sob a denominação de Tradução Audiovisual Acessível (TAVa). A TAVa está se fortalecendo e se tornando uma subárea bastante produtiva, e é mostra disso que este Dossiê conta com onze artigos de universidades de quatro regiões do Brasil: Nordeste (Universidade Estadual do Ceará, Universidade Federal do Ceará e Universidade de Fortaleza - UNIFOR), Sudeste (Universidade de São Paulo, Universidade de Campinas, Universidade Estadual Paulista, Universidade Federal de São Carlos e Universidade Metodista de Piracicaba), Sul (Universidade de Caxias do Sul, Allya Language Solutions e Faculdade Murialdo, ambas de Caxias do Sul) e Centro-Oeste (Universidade de Brasília e Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, SEEDF).

Os temas dos artigos enfocam as principais modalidades de TAVa (audiodescrição (AD), janela de Libras e legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE), além de um trabalho que trata do mapeamento da subárea. Esse é justamente o texto que abre o volume. Simone Spolidorio descreve a Plataforma de Acessibilidade Midiática (MAP) que tem como meta “centralizar as informações sobre acessibilidade audiovisual [...] sobre legislação, pesquisas, treinamentos, e notícias em geral sobre questões ligadas às diversas modalidades de acessibilidade” em diversos países. A autora mapeia o estado da arte no Brasil, com o objetivo de inserir as informações sobre nossa produção na plataforma.

A audiodescrição é tema de cinco artigos deste dossiê.

No primeiro, Lucinéa Marcelino Villela trata do erotismo em roteiros de audiodescrição de filmes, comentando cenas do filme brasileiro "Praia do Futuro" e defende que o espectador com deficiência visual deve ter, com o recurso de acessibilidade, a possibilidade de alcançar as mesmas sensações que o vidente ao assistir a cenas que podem provocar envolvimento ambivalentes como brutalidade mesclada a prazer, sensualidade e, sobretudo, emoções.

Em seguida, Wilson Júnior de Araújo Carvalho, Bruna Alves Leão e Charleston Teixeira Palmeira apresentam três estudos sobre locução na audiodescrição. Com base em suas análises e em seus resultados, defendem a necessidade de a audiodescrição ser mais bem trabalhada no que se refere, principalmente, ao uso da ênfase, da curva melódica e do ritmo. Esses estudos pretendem contribuir para o aperfeiçoamento da locução da audiodescrição para cinema e teatro.

Também apresentam resultados de estudos na área os autores Pedro Henrique Lima Praxedes Filho e Daniel Dantas. Em seu artigo, relatam o percurso investigativo das pesquisas que verificam a viabilidade teórica e prática de o audiodescritor produzir roteiros neutros, ancorando-se principalmente no arcabouço teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional e, dentro desta, no Sistema de Avaliatividade. Os resultados apontam para a natureza eminentemente multimodal do roteiro de AD, bem como para sua flagrante integração semiótica com o objeto audiodescrito, além de sugerir a necessidade de pesquisas com novos desenhos metodológicos que levem em consideração essa natureza.

Já Soraya Ferreira Alves e Vervanne Couto Teles apresentam uma proposta de modelo de pré-roteiro para audiodescrição simultânea embasada em aspectos teóricos, bem como na própria prática das autoras como audiodescritoras em Brasília. Na perspectiva de sistematizar uma metodologia para auxiliar essa prática, foram elaboradas sugestões que podem ser adotadas na audiodescrição simultânea de eventos ao vivo, a fim de contribuir na formação de audiodescritores no Brasil.

O último artigo sobre a modalidade de audiodescrição, de autoria de Milena Schneid Eich, Lisiane Ott Schulz e Luciana Santos Pinheiro, reflete sobre a importância da audiodescrição das imagens nos livros didáticos de língua inglesa na atualidade para que pessoas com deficiência visual realizem, de forma autônoma, as atividades que necessitam de observação, compreensão e/ ou interpretação dessas imagens para sua resolução. Suas considerações estão pautadas em exemplos de atividades e nas análises destas.

Os cinco artigos sobre LIBRAS e LSE tratam principalmente de estudos teórico-metodológicos envolvendo a Linguística de Corpus e Estudos Experimentais. Vinicius Nascimento faz uma reflexão sobre as questões enunciativo-discursivas, considerando a relação dialética e dialógica entre o vídeo como um todo e a Janela de Libras, normalmente avaliada somente por questões técnicas, tais como tamanho, recorte e posição.

Patrícia Araújo Vieira, Élide Gama Chave e Elisângela Nogueira Teixeira analisam a recepção de espectadores surdos e ouvintes a documentários legendados por meio de um estudo exploratório-experimental com rastreador ocular. O parâmetro analisado foi o da segmentação, ou divisão, de fala em legendas. Os resultados são surpreendentes e apontam que as legendas de velocidade alta, desde que sejam segmentadas segundo os padrões preconizados por pesquisadores da área, são as mais eficazes na recepção do gênero em questão.

Trabalho semelhante foi realizado por Silvia Malena Modesto Monteiro e João Francisco Dantas, tendo somente o *corpus* como diferença. Os autores investigaram a legendagem das campanhas eleitorais exibidas nos canais de televisão brasileiros. Os resultados sugeriram que as legendas de uma linha, características desse tipo de produção legendada e fora dos parâmetros do que

seria uma legenda bem segmentada, traziam dificuldades de recepção para os participantes.

Ana Katarinna Pessoa do Nascimento, por meio de um estudo baseado em *corpus*, procura encontrar sintagmas e orações convencionais que melhor traduzam sons na legendagem de filmes. Os resultados preliminares da análise de 15 filmes mostram que o melhor caminho seria “privilegiar sons que interajam com os personagens em tela e dar preferência à tradução por meio de orações que possuam uma ideia completa, de modo que se saiba qual a origem e o tipo de ruído que se está traduzindo”.

Encerrando o Dossiê, temos o artigo de Vera Lúcia Santiago Araújo, Italo Alves Pinto de Assis e Daniel Arraes, o qual avalia a segmentação linguística da legendagem em novelas também por meio de uma metodologia baseada em *corpus*. Os autores demonstram que há uma quantidade significativa de problemas de segmentação, principalmente no que diz respeito aos sintagmas verbal e nominal, respectivamente.

Vera Lúcia Santiago Araújo
Soraya Ferreira Alves